



VASSOURAS, UNGUENTOS E O *GANDREIDH*

Uma coruja chama do bosque escuro e varrido pelos ventos e a maré da meia-noite aproxima-se da cabana, cuja sala é alumada com círios de cana. A mulher desprende o seu longo cabelo e começa a cantar o chamado para o Mestre de manto negro e para a selvagem Senhora da Noite. Na escuridão cintilante, o seu gato salta irrequieto, à medida que o encantamento da bruxa ecoa pelas paredes da sala, pelas traves baixas do seu tecto. Ela começa por ungir a sua testa, as suas têmporas, as solas dos pés, com uma pena de ganso, e, retirando de um pequeno pote um óleo verde-escuro, ela ajoelha-se em frente a uma vassoura com ramos de bétula.

Névoas em espiral começam lentamente a entrelaçar-se pela sala, ao mesmo tempo que ela entra no sonho-transe dos espíritos da Beladona⁵. O sonante chamado para o Sabat continua, enquanto o seu espírito começa lentamente a abandonar o seu corpo. Os seus lábios sussurram as palavras “*Horse and Hattock, in the Divell’s name*”⁶ e é então que monta na sua vassoura,

⁵ N.T.: No original o termo é *Dwale*, que em Inglês moderno significa *Deadly Nightshade* ou *Atropa Belladonna*.

⁶ N.T.: “*Horse and Hattock*” começou a ser associado às bruxas por via de Isobel Gowdie, uma bruxa escocesa que foi condenada por práticas de Bruxaria em 1662. Nas suas confissões ela falava de certos jargões em uso na Bruxaria tradicional escocesa e como eram usados para ir para o Sabat: “*Horse and Hattock in the Devil’s Name*” e “*Horse and Hattock, Horse and go, Horse and Pellatis, Ho Ho!*”. Existem apenas especulações etimológicas acerca da palavra *Pellatis*. Não tendo origem latina directa, subentende-se que poderá ser uma forma popular



subindo lentamente pela larga chaminé. Por entre as nuvens e os brilhos das estrelas voa a bruxa, cavalgando através da escuridão ventosa; sobre prados, rios e vale, para as cavernas da Montanha do Sabat e descendo para o Submundo das Nove Mães.

Esta poderosa imagem arquetípica do voo noturno das bruxas nas suas vassouras, tão profundamente enraizada na consciência popular europeia, deriva de raízes verdadeiramente arcaicas. Na Bruxaria tradicional, a vassoura é o meio simbólico através do qual a viagem é feita a partir deste mundo para os reinos insondáveis do Submundo. É essencial que se entenda o código mágico-poético aqui empregue, pois que num contexto xamânico o “voo” refere-se sempre ao transe extático e ao movimento visionário do espírito.

A vassoura é assim o emblema místico da extática cavalgada noturna dos seguidores da Deusa Negra, a Dama Holda, Diana ou Herodias. Este Mistério xamânico é o epicentro da *Elder Craft*

da palavra escocesa *pelat*, oriunda do Francês *paillet*, que significa um molho de palha ou um ramo de palhas, o que nos remete para a vassoura de bruxa usada nos voos visionários. Assim sendo, poderíamos traduzir por: “Cavalo e Vassoura, em nome do Diabo”.

No entanto, devemos considerar que a palavra pode ter originado de *Pellar*, o nome dado aos bruxos de West Country, e que significa “feitiçeiro”, “exorcista” ou “conjurador”. No dialecto da Cornualha, recuando ainda mais no tempo, “peller” significa nu, calvo, sem vegetação. A origem etimológica dessa palavra pode ter vindo também do Francês, *pellard*, que significa “descascado”, “pelado”, ou seja, “nu”. Neste caso, poderíamos traduzir por: “A cavalo e nua, em nome do Diabo”. Esta tradução parece-me ser a mais próxima do que seria uma representação de um voo para o Sabat, pois que as confissões registadas nos anais da Santa Inquisição descrevem a nudez e o montar da vassoura como práticas comuns.

Conf.: Semmens, Jason. *The Witch of the West or the Strange and Wonderful History of Thomasine Blight*. Plymouth, 2004

William Bottrell, *Traditions and Hearthsides stories of West Cornwall*, Frank Graham Press, Reino Unido, 1970. Reimpressão da edição de 1870.



(a Arte dos Antigos⁷), como um antigo padrão iniciático transmitido ao longo de milhares de anos, por toda a Europa. As três madeiras usadas na manufactura do cabo da vassoura encerram em si uma significância esotérica – o cabo de freixo representa o espírito (Anda) e o ar, através do qual a bruxa deve viajar, representando o *Axis Mundi* (Eixo do Mundo), Yggdrasil e o êxtase xamânico (Odhr), através do qual esse voo do espírito é conseguido; os ramos flexíveis do salgueiro, que atam os ramos da vassoura, representam a lua e as águas encobertas em nevoeiro que devem ser atravessadas para entrar nos reinos da morte e da sabedoria; os ramos de bétula são sagrados para a Senhora Branca, Dama Berchta, a Deusa da Terra, através de quem a bruxa espera obter a purificação e o renascimento pela iniciação.

Assim, o cabo da vassoura, feito de freixo, transforma-se na imagem mística do Eixo do Mundo, Yggdrasil (“O Cavalo do Terrível” – Woden), simbolizando o voo para o Mundo Superior e o Submundo. Os xamãs das tribos siberianas Buryat viajam através do mundo montados num pau com cabeça de cavalo, tal como um corcel mágico, que é ritualmente vivificado com o sangue de um cavalo sacrificado. Na cosmologia siberiana, o universo é visto como uma enorme *yurt* (tenda), com a Estrela Polar, o Prego Celeste, fixo no buraco por onde sai o fumo da fogueira. É esta abertura que dá acesso aos outros mundos e é através dele, e num estado de transe, que o xamã inicia o seu voo.

⁷ N.T.: Veja-se de novo a ambiguidade semântica, típica dos usos e costumes da Bruxaria Tradicional britânica, entre “velho” e “sabugueiro” – *Elder*. O Sabugueiro está associado a Holda, como protectora dos mortos e a expressão “velho” é muitas vezes usada para designar o Ancestral ou aquele que representa os Ancestrais em rito. É por isso que o Sabugueiro é uma árvore muito em uso nos ritos da morte de Frau Holda. (Müller-Ebeling, Christian Rätsch e Wolf-Dieter Strol, *Witchcraft Medicine - Healing Arts, Shamanic Practices, and Forbidden Plants*, Inner Traditions International, 1998.)

